

CINEMA E ENSINO DE HISTÓRIA: REFLEXÕES ACERCA DA PRÁTICA DOCENTE A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA FREIREANA

Eduarda Vitória Cechett¹

Janice Isaque de Paula²

Nicoli Gabrieli Grazziotin de Oliveira³

Halford Carlos Ribeiro Júnior⁴

INTRODUÇÃO

O presente trabalho refere-se à temática cinema e ensino de História em uma perspectiva freireana a partir das reflexões propostas pelo Programa de Iniciação à Docência (PIBID)⁵ acerca das correlações entre educação, cultura e sociedade.

Os aprofundamentos vinculados a estas questões, possuem como objetivo a análise dos sentidos da educação formal e sua relação com a sociedade em que se insere, promovendo a preparação para a prática docente ao final da licenciatura (ou no decorrer do PIBID).

METODOLOGIA

Para o cumprimento dos objetivos citados, a metodologia utilizada consiste em análise fílmica dos longa-metragens “Narradores de Javé” (2003) dirigido pela cineasta brasileira Eliane Caffé e “Escritores da liberdade” (2007) dirigido pelo cineasta estadunidense Richard LaGravenese, que serão analisados a partir da obra “Pedagogia da Autonomia” do educador Paulo Freire (1996) pensando uma educação dialógica, crítica e emancipadora.

Durante os estudos teóricos do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) foi solicitado aos estudantes o aprofundamento acerca dos temas educação, cultura e sociedade a partir do Módulo I do programa intitulado “Entre esperanças e possibilidades: O PIBID e a formação de docência(s) em História”, realizado entre 15 de dezembro e 10 de março de 2025, cujo o objetivo consistiu na análise dos sentidos da educação formal e suas relações com a sociedade em que vivemos. Nos encontros, foram apresentados aos discentes a obra Pedagogia da Autonomia, para pensarmos a atuação docente em sala de aula, e os Longa-Metragens Narradores de Javé e Escritores da Liberdade direcionados à reflexão acerca de cultura, sociedade e ensino de História.

REFERENCIAL TEÓRICO

¹ Acadêmica do Curso de História- Licenciatura 5º semestre. Universidade Federal da Fronteira Sul. cechettduardavitoria@gmail.com.

² Acadêmica do Curso de História- Licenciatura 5º semestre. Universidade Federal da Fronteira Sul. depaulajanice6@gmail.com.

³ Acadêmica do Curso de História- Licenciatura 5º semestre. Universidade Federal da Fronteira Sul. nicoliggdeoliveira@gmail.com.

⁴ Licenciado e Bacharel em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP, 2004), doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP, 2015). Atualmente é Professor Adjunto IV da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim.

⁵ A concretização do presente trabalho foi possível graças ao Programa de Iniciação à Docência (PIBID) com fomento da CAPES.

O objetivo do Patrono da Educação brasileira, consiste na reflexão acerca da questão da formação docente vinculada à prática educativo-progressiva em favor da autonomia do educando (Freire, 1996). O educador defende um ensino progressivo e dialógico cujo objetivo principal é a emancipação do estudante. Para este fim, a reflexão voltada à prática docente é essencial, já que o educador servirá como uma ponte entre o educando e sua emancipação em direção ao caminho de transformação da sociedade. Segundo Freire (1996), mais do que um ser no mundo, o educando configura-se em uma presença no mundo que pensa a si mesma, e que a partir do reconhecimento enquanto presença transforma a realidade em que está inserido.

Para transferir ao educando a consciência de que todos nós somos sujeitos-históricos que possuem o poder de transformação e ruptura de normas estruturais na nossa sociedade que subalterniza os sujeitos, é preciso que os docentes vinculem a teoria, a atuação docente e a reflexão à práxis. A educação progressiva e emancipadora se contrapõe a uma educação bancária, já que apenas com um ensino dialógico que pensa os sujeitos e a sociedade, conseguiremos desenvolver a criticidade necessária para a construção dos sujeitos e de novos mundos. Para Freire, a educação é uma forma de intervenção em um mundo que devemos entender como inacabado para pensarmos coletivamente na transformação da sociedade.

É preciso porém que tenhamos na resistência que nos preserva vivos, na compreensão do futuro como problema e na vocação para o ser mais como expressão da natureza humana em processo de estar sendo, fundamentos para a nossa rebeldia e não para a nossa resignação em face das ofensas que nos destroem o ser. Não é na resignação mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos (Freire, 1996, p. 40-41).

Freire afirma que está ao lado dos condenados da terra, em referência a Frantz Fanon (2022), o que nos demonstra em um dos subtópicos de sua obra intitulado “Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação” reafirmando sua defesa à causa dos excluídos. Para o educador, devemos “pensar certo” a partir de nossa prática docente e neste sentido, o autor afirma que um pensar certo deve rejeitar qualquer forma de discriminação, seja ela racial, social, de gênero, sexualidade ou qualquer outra forma que ofenda a subjetividade dos educandos (Freire, 1996). Logo, a assunção da identidade cultural do sujeito para Freire torna-se outro fator essencial para desenvolvermos uma solidariedade social e política primordial para o funcionamento de uma sociedade mais justa, resultando em uma prática democrática. “A aprendizagem da assunção do sujeito é incompatível com o treinamento pragmático ou com o elitismo autoritário dos que se pensam donos da verdade e do saber articulado” (Freire, 1996, p. 23).

A partir das concepções de Freire, enfatizamos a utilização de documentos fílmicos como recurso didático em sala de aula para discutirmos temas caros ao ensino de história voltados para a emancipação do sujeito. Neste sentido, Circe Bittencourt discorre acerca dos objetivos curriculares do ensino de história e suas contribuições voltadas para a libertação do educando.

[...] o ensino de História deve contribuir para libertar o indivíduo do tempo presente e da imobilidade diante dos acontecimentos, para que possa entender que cidadania não se constitui em direitos concedidos pelo poder instituído, mas tem sido obtidas em lutas constantes e em suas diversas dimensões (Bittencourt, 2006, p. 20).

Para Le Goff, todo documento é um monumento por ser produto de uma sociedade, resultado de escolhas e intenções de quem o fabrica (Le Goff, 1994). Os documentos fílmicos se constituem a partir de representações com alicerce na subjetividade dos produtores. Este fato deve ser evidenciado a fim de desenvolvermos a percepção dos estudantes para o entendimento dos caminhos escolhidos para a produção deste documento, o contexto em que está inserido e seus objetivos. Assim, demonstraremos que as películas são representações da época em que foram produzidas documentando visões de mundo, conflitos e contradições de determinado contexto (Abud, 2010).

Na prática educativa, ao utilizarmos os recursos fílmicos, a partir do ensino indutivo, esclarecemos aos estudantes os objetivos da utilização deste documento. Além disso, é de suma importância no que tange a finalidade de demonstrarmos como as narrativas históricas são construídas, confrontarmos a narrativa fílmica com outras fontes historiográficas (Abud, 2003). Dessa forma, incentivamos os alunos a realizar “[...] operações mentais complexas que os ajudam a produzir seus próprios conhecimentos sobre bases mais críticas e analíticas, na medida em que a recepção e interpretação de imagens nunca são atos passivos” (Abud, 2003, p. 175).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O longa-metragem dirigido por Eliane Caffé consiste em um ótimo recurso didático para pensarmos em sala de aula não só o reconhecimento dos personagens ao longo do filme enquanto sujeitos-históricos com poder de transformação social, mas, também questões como memória, patrimônio, cultura, história oral, cidadania e justiça social voltadas ao ensino de História. O filme narra a história do vilarejo do Vale de Javé que está sendo ameaçado por um projeto de construção de uma hidrelétrica. Desta forma, os personagens se encontram em uma situação em que a intervenção dos moradores do vilarejo se torna essencial, já que a única forma de evitar o alagamento é transformando aquele espaço em patrimônio a partir da escrita da história do Vale de Javé. A trama gira em torno da escrita “científica” da história daquela cidade pelo carteiro Antônio Biá que, em uma cidade cuja educação foi um direito negligenciado aos habitantes, era o único morador que escrevia.

O longa permite que os educandos entendam o poder que os sujeitos possuem para transformar a realidade, para a reflexão acerca de quem domina o conhecimento, a partir de que local as narrativas são construídas e com qual objetivo político. Outrossim, Narradores de Javé também aborda temas como a história das mulheres, dos quilombolas e a questão do analfabetismo no Brasil. Embora Javé seja uma representação ficcional de um vilarejo, o vale de Javé poderia facilmente ser uma cidade real do país, podendo ser utilizada nas escolas para refletirmos com os estudantes acerca de questões caras à nossa sociedade, como o negligenciamento do Estado.

Lançado em 2007, o filme “Escritores da Liberdade” é uma adaptação do livro “Diário dos Escritores da Liberdade”, baseado em fatos reais. O longa-metragem se passa no ano de 1994 na escola Woodrow Wilson High School em Long Beach na Califórnia, e apresenta a realidade violenta de estudantes que ingressaram a partir de um projeto de Integração Social em uma escola pública. A obra acompanha a trajetória dos alunos com a nova professora Erin Gruwell que ajuda os estudantes a reconhecerem sua capacidade como indivíduos e oferece um espaço seguro para os jovens. Erin parte da escrita de seus alunos em diários sobre seu cotidiano para conhecer o contexto social em que estão inseridos, e construir aulas que se

aproximem de suas realidades. A partir dos diários, a professora promove uma dinâmica para que seus alunos se reconheçam como um grupo unido, que apesar de diverso sofre as mesmas violências nas ruas.

O filme retrata um sistema educacional falho e despreparado para receber os alunos em situação de vulnerabilidade. Erin ao tratar os alunos com respeito e dar importância à eles, é tratada com hostilidade pela direção e por colegas de trabalho que acreditam em um sistema excludente. A obra também aborda a importância da relação professor-aluno na construção do conhecimento e mostra como uma relação empática e afetiva contribui na transformação da realidade de alunos em situação de vulnerabilidade social. A professora Erin exemplifica as ideias de Freire ao propor que os alunos escrevam diários sobre o seu cotidiano, valorizando suas experiências pessoais, estimulando a expressão a partir da escrita, ajudando-os a reconhecerem seu lugar como sujeitos de suas próprias histórias e os tratando com respeito e dignidade. Dessa forma, Erin ao transformar sua sala de aula em um espaço seguro e de escuta ativa onde a realidade dos estudantes é levada em consideração, possui em sua prática docente características presentes na práxis freiriana cuja autonomia dos estudantes é colocada na centralidade do ensino.

Para conduzirmos uma prática democrática em sala de aula, nos contrapondo ao individualismo característico do sistema neoliberal vigente, devemos construir de modo coletivo o reconhecimento e a assunção da nossa identidade cultural, premissa característica do ato de ensinar. Segundo Freire, a assunção de nós mesmos não parte de um pressuposto de exclusão do outro (Freire, 1996). A assunção do ser resulta na construção de uma solidariedade social, que deve ser praticada diariamente pelos docentes, exercício que resultará futuramente em uma prática democrática dos educandos.

Erin ao utilizar como recurso em sala de aula para ensinar poesia aos estudantes a métrica das rimas do rapper estadunidense Tupac Shakur, além de se contrapor ao pensamento majoritário dos professores e funcionários da escola que discriminavam aqueles estudantes advindos de áreas periféricas, coloca em prática um exercício de assunção da identidade cultural dos estudantes, resultando em um ensino dialógico que conversa com a cultura e a realidade dos alunos. Dessa forma, a educadora ganha pela primeira vez a atenção e, posteriormente, o coração dos alunos. Podemos entender que Erin em sua prática educativa se preocupa com a afetividade e o diálogo com os estudantes, possuindo a consciência do inacabamento essencial para o ensino. Segundo o educador Paulo Freire: “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História” (Freire, 1996, p. 70). Outrossim, Erin, ao “abrir-se ao mundo”, sobretudo aos educandos negligenciados pela escola através de sua escuta ativa, adquire também novos saberes resultantes das vivências de seus alunos, aprendendo com eles e pensando diariamente e de forma crítica sobre a sua prática docente.

CONCLUSÃO

As fontes utilizadas no presente trabalho revelam a importância de repensarmos diariamente nossa prática docente. Além disso, ao analisarmos os documentos fílmicos, percebemos a complexidade da sociedade em que estamos inseridos, o que contribuirá para a atuação docente nas escolas. Entendemos que cada estudante é um universo e que todos possuem diferentes vivências que exigem a preparação de aulas que dialoguem com a realidade dos educandos. Outrossim,

para alcançarmos o objetivo de uma educação emancipadora, enfatizamos a importância do reconhecimento dos educandos como agentes de transformação das realidades que os cercam. Se é verdade que na atualidade podemos identificar uma crise no sistema educacional brasileiro, reflexo do sistema neoliberal que se apresenta, é necessário que nós, enquanto futuros educadores, orientemos os educandos em direção aos caminhos que sugerem uma sociedade menos desigual, apontando as sendas da emancipação e utilizando como ferramenta um ensino dialógico e crítico.

O estudo sobre cinema e ensino de história, possibilitado pelo Programa de Iniciação à docência (PIBID), configura-se como um elemento fundamental para a formação e aprimoramento docente, enfatizando a importância e os desafios de um ensino crítico, dialógico e emancipador nos moldes do educador Paulo Freire. As pesquisas concretizadas a partir dos documentos fílmicos e da obra do patrono da educação brasileira revelam as nuances da prática docente, convidando os integrantes do programa a repensarem diariamente e criticamente a práxis vinculada à teoria.

REFERÊNCIAS

ABUD, Kátia Maria. **A Construção de uma Didática da História:** Algumas Ideias sobre a utilização de filmes no ensino. In: História, São Paulo, n. 22 (1), 2003)

ABUD, Kátia Maria; SILVA, André Chaves de Melo; ALVES, Ronaldo Cardoso. **Ensino de História.** São Paulo: Cengage Learning. 2010.

BITTENCOURT, Circe. Capitalismo e Cidadania nas atuais Propostas Curriculares de História. In: **O Saber Histórico na Sala de Aula.** São Paulo: Contexto, 2006.

ESCRITORES da Liberdade (Freedom Writers). Direção: Richard LaGravenese. Produção: Paramount Pictures. Local: EUA, 2007.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra.** Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes Necessários à prática educativa. 25. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: **História e Memória.** Campinas, SP: Editora Unicamp, 1994.

NARRADORES de Javé. Direção: Eliane Caffé. Produção: Bananeira Filmes. Local: Rio Filme, 2003.